

Os Estudos *Queer* e a Educação no Brasil: articulações, tensões, resistências

Guacira Lopes Louro¹

Resumo: Os estudos *queer*, juntamente com outros estudos contemporâneos, vêm promovendo novas políticas de conhecimento. Experimentam outros modos de conhecer, elegem estratégias desconstrutivas de análise, questionam mais do que asseveram ou prescrevem. Como podem tais saberes articularem-se a campos tradicionalmente disciplinados e disciplinadores como o da Educação? Em que medida os estudos *queer* têm logrado “perturbar” as teorias e as práticas educacionais no Brasil? Que formas de articulação ou de aproximação vêm sendo ensaiadas em nosso meio? Essas são questões que se ensaia contemplar neste artigo.

Palavras-chave: estudos *queer*; políticas de conhecimento; educação escolar; currículo.

Queer Studies and Education in Brazil: connections, tensions, resistances

Abstract: *The Queer Studies, together with other contemporary areas of studies, has contributed to create new politics of knowledge. It suggests other ways of knowing and deconstructive strategies of analysis which tend to make questions and raise problems rather than just to prescribe and make truth assertions. How can these new ways of knowing be connected to academic fields that traditionally have been very disciplined and disciplining such as the field of Educational Studies? To*

¹ Faculdade de Educação – Departamento de Estudos Básicos – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – Porto Alegre – Brasil – guacira.louro@gmail.com

what extent has the Queer Studies been able to “trouble” the educational theories and practices in Brazil? What kinds of connection or convergence between the Queer Studies and the Educational Studies are being tried in our country? These are questions that are discussed in this paper.

Keywords: *queer studies; politics of knowledge; school education; curriculum.*

Tendo vivido tantos anos no interior das instituições acadêmicas, foi-me ensinado (e eu aprendi e repeti) o valor da ciência, a importância da teoria. Um ensinamento que não se limitou ao domínio de conceitos e à aquisição de técnicas e ferramentas analíticas, mas que implicou uma forma de pensar, valores, habilidades no manejo de uma determinada linguagem; um ensinamento que produziu um modo de ser. Felizmente, uma vez que somos feitos no movimento e de movimento, tais aprendizados também não são perenes (ou, pelo menos, precisam ser continuamente repetidos para dar a ilusão de estar cristalizados).

Desde algumas décadas, estamos sendo todos *sacudidos* por “saberes sujeitados”, como disse Foucault (1999: 11). Saberes que, segundo ele, ou foram sepultados e mascarados nas sistematizações formais, quer dizer, já estariam de algum modo presentes embora escondidos e disfarçados; ou eram tidos como “insuficientemente elaborados”, “ingênuos”, “hierarquicamente inferiores”.

Dos movimentos empreendidos por feministas, gays, lésbicas, negros e negras, ou por sujeitos e grupos que rejeitam rótulos e títulos têm emergido questões, práticas, experiências que ousam subverter modos de vida e noções consagradas. Movimento é uma expressão recorrente neste contexto e, de novo, ela ajuda a entender a força e ao mesmo tempo o desconforto de todo esse processo.

A palavra se repete mais uma vez na caracterização de *queer* feita por Eve Sedgwick. Diz ela: “*queer* é um momento, um movimento, um motivo contínuo – recorrente, vertiginoso, perturbador” (apud Salih, 2012: 19). E é do *queer* como uma disposição política e um saber subalterno que pretendo me ocupar aqui.

Venho buscando examinar os paradoxos implicados na eventual aproximação entre o pensamento *queer*, intrinsecamente subversivo, provocador, instável e desobediente, e a educação, o campo no qual opero e que, historicamente, se constituiu como um campo disciplinador e normalizador, lócus privilegiado do regramento e da obediência. O desafio dessa improvável aproximação pode

sugerir que dela se desista. Mas talvez seja precisamente aí, na incerteza da articulação, que se encontre a graça de arriscar o improvável.

Aposto na possibilidade dessa conexão e, para argumentar, preciso recuperar o *queer* como um conjunto de saberes (mais do que como uma teoria que lembraria sistematização e estrutura) e como disposição política. Tenho repetido que os estudos *queer* juntamente com outros estudos contemporâneos vêm promovendo novas políticas de conhecimento cultural (cf. Louro, 2004a). Desses campos de estudos, ou desses saberes ditos subalternos se pode dizer que levantaram questões inusitadas a partir de perspectivas inéditas. Os estudos feministas, gays, lésbicos e *queer* vêm promovendo uma nova articulação entre sujeitos e objetos do conhecimento. Não são apenas novos temas ou novas questões que têm sido levantadas. São transformações que dizem respeito a quem está autorizado a conhecer, ao que pode ser conhecido e às formas de se chegar ao conhecimento. Desafiando o monopólio masculino, heterossexual e branco da Ciência, da Educação, das Artes ou da Lei, as chamadas *minorias* se afirmam e se autorizam a falar sobre sexualidade, gênero, cultura. Novas questões são colocadas a partir de suas experiências, de suas histórias e suas práticas; noções consagradas de ética e de estética são perturbadas. Áreas e temáticas consideradas, até então, pouco *dignas* de ocupar o espaço e o tempo dos sérios acadêmicos passam a ser objeto de centros universitários e núcleos de pesquisa. Sobre o mundo do privado e do doméstico; sobre as muitas formas de viver o feminino e o masculino, a família, as relações amorosas, a maternidade e a paternidade; sobre o erotismo e o prazer, sobre a pornografia e as *perversões* fazem-se teses, escrevem-se livros, realizam-se seminários e cursos. Investigar temáticas como essas implica, frequentemente, a utilização de outras estratégias e métodos de estudo e análise, é preciso reinventar técnicas de investigação, valorizar fontes, sujeitos, práticas, espaços até então desprezados. Privilegia-se, agora, a desconstrução como forma de análise. Estreitamente articulados às práticas e às experiências cotidianas, às lutas e aos desejos recusados, esses saberes são dinâmicos, instáveis, despudoradamente políticos. Referidos às histórias das chamadas minorias, costumam ser irreverentes e malcomportados e ousam perturbar paradigmas consagrados.

Aqui, portanto, já encontro elementos para argumentar que esses estudos têm tido algum impacto sobre a educação – pelo menos no âmbito da pesquisa e das academias e instituições de ensino superior. No Brasil, já não são poucos os núcleos e grupos vinculados a instituições acadêmicas ou a outros centros

de estudo que buscam de algum modo se apropriar desses saberes ou que ensaiam aproximações e parcerias com grupos militantes. Muito pelo contrário, esses núcleos vêm se multiplicando. Os caminhos ou as estratégias de ação são distintos (algumas vezes, talvez menos *queer* do que se poderia ambicionar). Mas é preciso reconhecer que essas iniciativas, ainda que localizadas e pontuais, vêm produzindo alguns efeitos. Não vou ser ingênua e afirmar que esses saberes estão abalando as teorias educacionais. Na verdade, eu poderia até mesmo lembrar algumas situações e encontros acadêmicos em que a menção da palavra *queer* não encontrou qualquer eco e sim provocou a mais absoluta estranheza. No entanto, num espírito mais pós-moderno ou *queer*, penso que as pretensões de grande alcance, a ambição totalizante tem de ser descartada. Se esses saberes contemporâneos têm provocado alguns efeitos, ainda que minoritários ou localizados, eles não são desprezíveis.

Afirmei que percebia paradoxos na eventual aproximação entre o pensamento *queer* e a educação, mencionando alguns traços que fazem tão distintos (quase irreconciliáveis) esses campos. Mas deixei de mencionar ainda outro elemento que complica a conexão: se, de um lado, o *queer* privilegia estratégias desconstrutivas, a educação, por outro, adota a prescrição. Isso é notório, mas talvez eu nunca tenha percebido tão agudamente as dificuldades dessa articulação quanto a partir do momento em que passei a discuti-la com professoras e professores. Imediatamente se colocava uma demanda: como se aplica esse pensamento ou essas ideias na prática cotidiana? O que posso fazer com o *queer* numa sala de aula? Como é que o *queer* pode entrar no currículo?

Não são questões desprezíveis. Elas vêm da urgência do cotidiano e representam, usualmente, um desejo genuíno de *por em prática* as novas ideias, de promover mudanças que respondam de modo mais efetivo às dúvidas e ansiedades dos garotos e garotas com os quais esses professores convivem. E, na pressa de por em ação o que parece (e é) tão desestabilizador, corre-se o risco de institucionalizar o *queer*. O caráter subversivo e irreverente é domesticado, de forma a se ajustar de algum modo a uma organização anterior e sólida.

O que me parece que está em questão aqui é como se compreende o *queer*: Como mais um tipo de sujeito? Como uma espécie de identidade ampla no interior da qual se abrigariam, como num guarda-chuva, todos não heterossexuais? Ou como um movimento, uma disposição existencial e política que supõe a ambiguidade, o não lugar, o trânsito? Inclino-me a pensar o *queer* como um movimento pós-identitário. Isso não significa a negação dos movimentos identitários, nem a ruptura com esses movimentos, mas se expressa por uma

mudança de foco, uma mudança epistemológica. Busca-se enfatizar mais as práticas do que as identidades e questionar os binarismos sobre os quais se assenta o saber e a cultura dominantes. Em outras palavras, antes de se propor como uma nova identidade e buscar integrar-se ao conjunto da sociedade, o *queer* pode representar o questionamento e a crítica desconstrutiva das normas, da lógica e dos arranjos sociais vigentes.

Se for assim, o *queer* entraria na educação escolar ou nos currículos não como mais uma identidade *diferente*. Algumas estudiosas lembram que os currículos já estão superpovoados de identidades ditas diferentes – mulheres, índios, negros – aos quais tudo o que se costuma dedicar é uma data ou um conjunto de ações que, apelando para a tolerância, acabam por mantê-los numa posição de exceção e inferioridade. Por outro lado, se for compreendido como um movimento ou uma tendência, o *queer* entraria no currículo para *estranhá-lo*, quer dizer, para provocar mudanças mais radicais no modo de conceber o conhecimento.

Retomo aqui algumas ideias sobre as quais andei escrevendo (cf. Louro, 2004b). Trata-se de por em questão o que é conhecido e as formas como chegamos a conhecer determinadas coisas e a não conhecer (ou a desconhecer) outras. Isso significa questionar sobre as condições que permitem (ou que impedem) o conhecimento. Quais as condições que possibilitaram que determinadas noções fossem tomadas como verdades e, mais do que isso, fossem consideradas importantes e indispensáveis para serem introduzidas nos currículos e transmitidas de geração a geração? Quais as condições que empurraram para o silêncio outros saberes, que os esconderam ou secundarizaram na sistematização das disciplinas?

Deborah Britzmann, estudiosa canadense e *queer*, disse certa vez que “qualquer conhecimento já contém suas próprias ignorâncias” (1996: 91). A frase parece curiosa, mas ajuda a refletir o quanto conhecimento e ignorância estão imbricados. Quando determinados problemas são formulados, isso se faz com o suporte de uma determinada lógica que permite formulá-los e que, por outro lado, simultaneamente, deixa de fora outros problemas, outras perguntas. A própria formulação do problema indica o que será objeto do conhecimento e o que ficará de fora, o que será *desconhecido*. Há conhecimentos – ou saberes – que foram historicamente *recusados*. Aos quais se negou (e ainda se nega) acesso, aos quais se resiste. E essa resistência merece ser compreendida para além da dimensão individual e psicológica. Ela deve ser pensada numa perspectiva cultural. A quem ou a que a nossa cultura se recusa conhecer? O que essa recusa ou esses limites podem nos dizer? Questionamentos desse tipo sugerem um

movimento de desconstrução do conhecimento, ou seja, uma análise que busca perceber como foi construído e cristalizado este Conhecimento que se escreve com maiúsculas, que é legitimado e respeitado.

Em vários pontos do país vêm sendo ensaiadas experiências no sentido de introduzir o *queer* nos currículos e nas escolas. Parece-me, contudo, que a perspectiva que põe em ação estratégias mais desconstrutivas (como as que acabei de mencionar) talvez seja ainda muito timidamente experimentada. Repito que não se trata de desprezar outras iniciativas comprometidas politicamente com as chamadas *minorias*, nem negar as ações que se voltam para mudanças de atitudes pontuais, mas a potencialidade de pensar *queer* pode se mostrar mais subversiva.

Não há receitas. Para responder à demanda por uma prescrição para a prática, aproveito o que disse Judith Butler numa entrevista, há alguns anos. Naquela ocasião também lhe apelavam para que prescrevesse práticas políticas mais eficazes, e ela disse:

O que eu acho realmente engraçado – e provavelmente isso parece mesmo estranho considerando o nível de abstração no qual trabalho – é que realmente acredito que a política tem um caráter contingente e contextual que não pode ser previsto no nível da teoria. E acredito que quando a teoria começa a se tornar programática, no estilo “aqui estão minhas cinco prescrições”, e estabeleço minha tipologia, e meu capítulo final é chamado “O que deve ser feito?”, isso liquida por antecipação todo o problema do contexto e da contingência, e eu realmente acho que as decisões políticas são tomadas naquele momento vivido e não podem ser previstas desde o nível da teoria (Butler apud Salih, 2012: 206).

Por isso, penso que não temos que indicar o que fazer concretamente nas salas de aula. Talvez a potencialidade *queer* esteja na disposição para a incerteza, para o improviso e para o movimento. Há que arriscar, experimentar, ousar. Se não tiver outro jeito, vamos lidar, quem sabe, com certas provisórias, mas, sempre que possível valeria perturbar essas certezas e colocar a questão: “e se...?”

Referências

- BRITZMAN, Deborah. O que é esta coisa chamada amor – identidade homossexual, educação e currículo. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. *Educação e Realidade*, v. 21 (1), jan./jun. 1996, p. 71-96.
- FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo, Martins Fontes, 1999.
- LOURO, Guacira. Os estudos feministas, os estudos gays e lésbicos e a teoria *queer* como políticas de conhecimento. In LOPES, Denilson e outros (orgs.). *Imagem e Diversidade Sexual. Estudos de Homocultura*. São Paulo, Nojosa edições, 2004a, p. 23-28.
- LOURO, Guacira. *Um corpo estranho. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte, Autêntica, 2004b.
- SALIH, Sara. *Judith Butler e a teoria queer*. Trad. Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte, Autêntica, 2012.

Recebido em: 08/06/2012

Aceito em: 13/08/2012

Como citar este artigo:

- LOURO, Guacira L. Os Estudos Queer e a Educação no Brasil: articulações, tensões, resistências. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*. São Carlos, v. 2, n. 2, jul-dez 2012, pp. 363-369.